

AS VIRTUDES: A QUINTA, A FONTE E A RUA DOS FOGUETEIROS

ANA PATRÍCIA GONÇALVES*

ANDRÉA M. DIOGO*

JOANA ISABEL DUARTE*

MARISA PEREIRA SANTOS*

Resumo: A Quinta das Virtudes, localizada na freguesia de Miragaia, remonta ao século XVII, e é hoje sede da Árvore — Cooperativa de Atividades Artísticas. Originalmente quinta de recreio e de exploração agrícola, é de realçar o elevado valor paisagístico que a sua implantação sobranceira ao rio Douro propicia. Os espaços da quinta albergaram diversos usos ao longo dos séculos, consolidando assim um testemunho de transformações e permanências.

O presente artigo pretende traçar uma leitura em retrospectiva da Quinta das Virtudes, inserida no contexto das transformações dos espaços circundantes — como a rua dos Fogueteiros — e dos equipamentos públicos — a Fonte das Virtudes — com que dialoga continuamente.

Palavras-chave: *Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, Fonte das Virtudes, Quinta das Virtudes, Rua dos Fogueteiros.*

Abstract: The Virtudes Estate, located in the parish of Miragaia, dates back to the 17th century, and is nowadays the headquarters of Árvore – Cooperative of Artistic Activities. This was originally a leisure and farming estate with great landscape value, owing to its setting, overlooking the Douro River. The estate spaces harboured different uses throughout the centuries, building a testimony of change and permanence..

The present paper tries to draw a retrospective reading of the Virtudes Estate, following the transformations observed in the surrounding spaces – such as the Fogueteiros Street – and urban equipment – the Fountain of Virtudes –, with which it develops an ongoing dialogue.

Keywords: *Árvore – Cooperative of Artistic Activities, Fountain of Virtudes, Virtudes Estate, Fogueteiros Street.*

*Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, DCTP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O presente estudo incide sobre a Quinta das Virtudes, assente numa leitura quer arquitetónica, quer historiográfica, estabelecendo uma relação entre a sua construção, a genealogia dos proprietários e a articulação com o espaço envolvente.

A Quinta das Virtudes deve ser entendida como um conjunto constituído por vários espaços, como a Casa das Virtudes¹ (zona de habitação principal), os anexos (construídos contíguos à casa) e o jardim desenvolvido em socacos, outrora destinados, na maior parte, à produção agrícola. A estas construções podemos ainda relacionar outros equipamentos, como a rua dos Fogueteiros (atual rua Azevedo de Albuquerque), o paredão dos Fogueteiros e a Fonte das Virtudes, que dão testemunho dos demais usos.

Nesse sentido, pretende-se apresentar uma leitura deste conjunto arquitetónico e espacial tirando proveito de mapas e plantas, assim como de documentação inédita, como o Auto de Património de Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José (1767), a partir do qual conseguimos confirmar a existência de uma capela na propriedade da Quinta das Virtudes, as respetivas datas e o estatuto dos proprietários.

A QUINTA DAS VIRTUDES

A zona que hoje se designa por Virtudes refere-se ao espaço urbano localizado na freguesia de Miragaia onde se encontram o Parque Municipal das Virtudes (antigo Horto com o mesmo nome), o Passeio das Virtudes, a Quinta das Virtudes (que atualmente acolhe a Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas²) e a Fonte das Virtudes.

A casa da Quinta das Virtudes é edificada em 1767³ por encomenda de José Pinto de Meireles, e da sua mulher D. Francisca Clara de Azevedo Aranha e Fonseca⁴.

A Quinta das Virtudes foi uma quinta de produção e recreio, dualidade frequente nestas estruturas do espaço periurbano das cidades ou, para sermos mais rigorosos, nas quintas e solares do mundo rural. O seu inegável valor paisagístico reside no terraceamento das margens do rio Frio. Em terrenos de elevado pendor, é a construção de socacos que permite a atividade agrícola. No século XIX, um anúncio do Colégio Francês da Madame Podestá valoriza o lugar da Quinta como um dos mais «belos e sadios», onde as educandas teriam a liberdade de passear nas horas vagas⁵.

¹ Adiante nomeada pela forma simplificada “Casa”.

² Adiante nomeada pela forma simplificada “Cooperativa Árvore”.

³ O ano de 1767 é a data comumente aceite para a edificação da casa, tal como nos foi possível constatar no artigo de António Lambert Pereira da Silva (SILVA, 1969:55). No entanto, o acesso condicionado a documentação não nos permitiu corroborar tal afirmação.

⁴ SILVA, 1969: 55.

⁵ *Periódico dos Pobres no Porto*, 1851, 9 de agosto: 765.

Como já foi acima referido, a dupla valência (económica e recreativa) da Quinta não seria comum, uma vez que, e segundo Manuel Graça, até aos finais do século XIX, «a Cidade do Porto estava envolvida por um longo anel de quintas, algumas das quais transformadas em quintas de recreio, quase todas mantendo uma forte componente económica»⁶.

Os Proprietários

Segundo Horácio Marçal, no século XVIII a propriedade pertencia a José Pinto de Meirelles, senhor da Casa de Manguela, em Santo Tirso, e prior da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (1761-1767), com uma moradia na rua de Belmonte⁷. O *Auto de Património da Capela* corrobora a maioria destes dados, nomeadamente a ligação dos proprietários à rua de Belmonte e a posse da Quinta em 1767⁸. Por outro lado, o *Auto* não confirma a relação de José Pinto de Meirelles com a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, referindo apenas a distinção de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Da união destes primeiros proprietários nasce Joaquim Pinto de Azevedo Meireles que contrai matrimónio com D. Maria Clara de Azevedo Albuquerque.

No século XIX, o proprietário do imóvel era então Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque, professor na Academia Politécnica do Porto, e bisneto paterno do Capitão José Pinto de Meireles e de Francisca Clara⁹. Com efeito, os registos testamentários confirmam esta informação dada por Horácio Marçal. Segundo a documentação consultada relativa a Joaquim de Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque¹⁰ e Helena Estanislada de Azevedo¹¹ terá havido uma ocupação da Casa por parte desta família no decorrer de várias gerações.

Em 1844, a propriedade aparece associada a José Marques Loureiro, que dá início à produção em grande escala de flores e outras plantas decorativas nos terrenos da quinta. Deve-se ainda a este botânico a publicação, em 1864, do primeiro catálogo da especialidade em Portugal¹².

Em 1963 é fundada a Cooperativa Árvore, que se instala dois anos mais tarde na Quinta das Virtudes. Todavia, será somente em 1989 que a Cooperativa adquire o edifício diretamente aos proprietários, Dr. Henrique da Costa Alemão Teixeira e sua mulher Margarida Helena Relvas Navarro de Azevedo de Albuquerque da Costa Alemão Teixeira¹³.

A Casa da Quinta das Virtudes

O edifício que hoje persiste é consentâneo com uma tipologia de solar muito glosada no mundo rural nos séculos XVII a XIX, muito embora esta perceção não seja imediata. A fachada

⁶ GRAÇA, 2004: 50.

⁷ MARÇAL, 1961: 169-173.

⁸ Arquivo Episcopal do Porto, 1767, *Auto de Património da Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José*, f. [2].

⁹ MARÇAL, 1961: 169-173.

¹⁰ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1912, *Registo do testamento com que faleceu Joaquim de Azevedo...* f. 38v-42.

¹¹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1940: *Registo do testamento com que faleceu Helena Estanislada...* f. 177-179v.

¹² SILVA, 1969: 56.

¹³ Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, s.d.

voltada para a rua Azevedo de Albuquerque (antiga rua dos Fogueteiros), define um extenso corpo térreo, cujo portal ostenta as armas da família conferindo-lhe o carácter de casa nobre. Hoje assume-se como a fachada principal do edifício, de acentuado carácter urbano pela sua ligação imediata à rua.

É na fachada voltada para o rio Douro, organizada em quatro pisos, que tiram partido dos socacos do terreno, onde encontramos semelhanças com a arquitetura de aparato. A Casa, à maneira das quintas do Douro, ocupa o local mais elevado e de maior destaque da propriedade¹⁴, demarcando-se na paisagem quando vista a partir do rio — a principal entrada da cidade ao tempo da sua construção. Dois lances de escada enfatizam a escala e o aparato desta fachada, acentuando o domínio sobre a unidade de exploração¹⁵.

Conhece-se uma proposta para “as casas de José Pedro Pinto de Meirelles (...) na Quinta das Virtudes”¹⁶ que não terá sido concretizada, apresentando apenas uma fachada de aparato com dois níveis.. Com risco do arquiteto português José Francisco de Paiva (1744—1824)¹⁷, no alçado destaca-se a linguagem neoclássica que se identifica no aparelho rusticado, a contenção da plástica decorativa e o corpo central coroado por frontão triangular, estabelecendo uma relação com edifícios próximos da cidade do Porto, como o Hospital de Santo António, o Palácio dos Carrancas, a Cadeia da Relação, e o edifício da atual Reitoria da Universidade do Porto.

Usos dos espaços edificados da Quinta

Como já foi referido, a Quinta das Virtudes é um espaço constituído por várias dependências, como a casa de planta composta em U, o jardim, os anexos e a Capela. Este último elemento, de carácter sacro, surge no âmbito desta investigação como uma referência inédita no que toca às informações recolhidas pelos investigadores que nos precederam.

Do mesmo modo, importa referir que este capítulo surgiu da necessidade de refletir sobre os diversos usos aplicados aos espaços da Quinta, ao longo da sua diacronia. Considerámos igualmente pertinente incluir as informações resultantes da análise das fontes consultadas, refletindo, assim, sobre a fixação intervalada das diversas entidades que neste capítulo enumeramos.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José [1767 – 1872]

*José Pinto Meirelles, residente na Rua de Belmonte, [requere] uma capela com invocação com Nossa Senhora da Conceição, Jesus Maria e José, com porta para a rua pública, de forma a celebrar o santíssimo sacrifício da missa para **proveito público** [...]. Trata-se de uma edificação de novo, «livre de imundices e de humidades* (Auto de Património de Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José, 1767: 2-3).

¹⁴FAUVRELLE, 2001: 68.

¹⁵*Ibidem*: 21.

¹⁶PINTO, 1973: 67.

¹⁷*Ibidem*: 66-67.

No ano da edificação da Casa das Virtudes é requerida a construção de uma capela pelos proprietários da casa, José Pinto Meirelles e sua esposa Francisca Clara. Segundo o *Auto de Património da Capela* (1767), esta foi erigida com invocação a Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José, chegando a ser de culto público¹⁸. A *Planta dos terrenos necessários (...) para alargamento da Rua dos Fogueteiros* (1869)¹⁹ corrobora esta informação, sendo possível identificar o símbolo de um edifício religioso adossado à Casa, no alinhamento da via pública.

Em 1840, segundo a *Licença de obra nº31/1840*²⁰, o proprietário da Quinta das Virtudes, José de Azevedo Souza Vieira da Silva, requer a exploração de água para a Quinta e revela a existência de uma capela associada à propriedade. A mesma surge ainda no *Mapa de Obras Públicas*²¹ como um corpo anexo e avançado no lado esquerdo em relação à Casa das Virtudes.

Segundo o texto *Efemeridades Portuenses*, no dia 15 de novembro de 1872, é terminada a «demolição de uma capelinha que se encontrava à entrada da Rua dos Fogueteiros [...], tendo sido expropriada para alargamento da rua», tornando assim «necessário o aterro do vão que existia entre o paredão das Virtudes e o edifício onde se encontrava instalado o Colégio Podestá»²².

Como atesta a documentação consultada²³, o projeto de alinhamento da rua terá ditado o desaparecimento da Capela. Também na *Planta topográfica da cidade do Porto*, levantada por Teles Ferreira (1892)²⁴, a estrutura deste edifício já não se encontra representada.

Casa da Roda dos Expostos [1825 – 1832]

Existe registo da transferência provisória da Roda dos Expostos, em 1825, para o prédio número 4 da Rua dos Fogueteiros, à época pertencente a João Azevedo Sousa da Silva. A Roda instalou-se neste local mediante o pagamento de uma renda anual, sendo autorizada à administração a realização de todas as obras consideradas necessárias²⁵. Partindo do grande número de certificados de batismo associados a esta Casa, é legítimo colocar como hipótese que durante o século XVIII possa ter estado instalada neste edifício a «Casa da Roda dos Enjeitados», que no ano anterior estava sediada na casa contígua ao Hospital de Santa Clara das Velhas Inválidas na Cordoaria²⁶. A mudança para este espaço e para o das Virtudes poderá estar relacionada com as condições «de habitabilidade, a falta de quintal e a ausência de água»²⁷.

Segundo Patrícia Alves (2011), baseada nos *Livros de Registos das despesas miúdas da instituição*, esta instituição foi transferida para a Rua de Cedofeita a 13 de novembro de 1832,

¹⁸ Arquivo Episcopal do Porto, 1767: *Auto de Património da Capela...* f. 2-3.

¹⁹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1869: *Planta dos terrenos necessários para a edificação do novo mercado do peixe e seus acessórios, junto do passeio público da Cordoaria, para alargamento da Rua dos Fogueteiros.*

²⁰ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1840: *Licença obra nº31/1840*, f. 153.

²¹ MALDONADO, 1789: 10.

²² S.A., 1958: 196.

²³ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1869: *Planta dos terrenos necessários...*

²⁴ FERREIRA, 1892: *Planta topográfica da cidade do Porto...*

²⁵ ALVES, 2011: 15.

²⁶ *Ibidem.*

²⁷ *Ibidem.*

aquando do Cerco do Porto²⁸. Com o término da guerra civil, regressa à rua dos Fogueteiros, alugando para o efeito casa a João de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque, «da Quinta das Virtudes»²⁹. Tudo indica que terá sido posteriormente deslocada, em 1838, para o Campo dos Mártires da Pátria³⁰.

Colégio Podestá [1850 – 1854]

Segundo o *Periódico dos Pobres do Porto*³¹, o «Colégio Francêz para Meninas» dirigido por Madame Podestá, ter-se-á instalado no número 44 da rua dos Fogueteiros, em 1850, facto anunciado um ano depois no referido periódico. Não conseguimos apurar a localização precisa do Colégio — se estaria situado na Casa das Virtudes ou em edifícios anexos da Quinta —, mercê das poucas fontes sobre esta matéria. Contudo, sublinhamos o facto de no anúncio do *Periódico dos Pobres do Porto* se evidenciar o acesso das educandas à Quinta das Virtudes³². O Colégio recebia educandas oriundas das «distintas famílias desta Cidade, das Províncias e do Brasil», oferecendo «o estudo de francez, inglez, portuguez e italiano, música, dança, desenho, estilo espistular, etc» e outros trabalhos como «todas as obras d’agulha, rendas, meias, e a bordar, não só a ouro, mas a outro qualquer fio; em geral todas as disciplinas e prendas próprias d’uma educação elegante»³³.

No mesmo anúncio é referida a necessidade de Madame Podestá «dar mais extensão ao seu estabelecimento», continuando, por isso, a receber discípulas³⁴. Talvez esse alargamento esteja na origem da mudança de instalações, em 1854, para a Rua de São Bento da Vitória³⁵, uma vez que o regime de internato implicava «acomodações dimensionadas», cuja «adequação funcional dos distintos espaços», recaía sobre «os palacetes com maior área livre de jardim»³⁶.

A Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas [1965 – actualidade]

A Cooperativa Árvore é uma cooperativa cultural reconhecida como organismo privado de utilidade pública desde 1984³⁷. Fundada em 1963 «com o intuito de criar novas condições para a produção e difusão cultural», a Cooperativa Árvore propugna pela produção, divulgação e comercialização das obras de arte, assim como pela formação e o intercâmbio cultural e artístico³⁸. Desde 1984, é reconhecida enquanto um organismo privado de «utilidade pública»³⁹.

²⁸ *Ibidem*: 17.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ MARÇAL, 1954: 245.

³¹ *Periódico dos Pobres do Porto*, 1851:765.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ MONCÓVIO, 2009: 25.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ SERENO & GUIMARÃES, 2011.

³⁸ Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, s.d.

³⁹ SERENO & GUIMARÃES, 2011.

Nos anos de 1960, a Casa da Quinta das Virtudes encontrava-se ao abandono, de «portas abertas, onde se entrava à vontade»⁴⁰. Na década seguinte, a Casa é sujeita a uma série de obras, como o arrasar do lado direito do interior do edifício, constituído por pequenas salas sucessivas ao longo de um corredor, para abrir um amplo espaço, sobre placa. O soalho foi eliminado e criou-se no piso inferior um pequeno auditório que acabou, também ele, por desaparecer⁴¹. Em 1971, a Cooperativa inaugura uma galeria, auditório e oficinas nos campos da serigrafia, litografia, gravura e cerâmica.

A Cooperativa Árvore foi alvo de um atentado de bomba «de grande potência» na madrugada de 7 de janeiro de 1976⁴². A explosão terá causado danos nos vários pisos, sobretudo no telhado, como podemos ver na fotografia reproduzida. A pedra de armas da Casa foi retirada com um guindaste para evitar que ruísse. O Palácio da Justiça, fronteiro à Casa da Quinta, não ficou imune à detonação, que viu destruídos os vitrais decorados com as armas das comarcas que compõem o Distrito Judicial do Porto⁴³.

O *Primeiro de Janeiro* noticia ainda que a causa do atentado poderá estar relacionada com as reuniões que a Cooperativa Árvore terá recebido, nos dias anteriores, da Comissão Antifascista de Apoio aos Revolucionários Presos (CAARP)⁴⁴. Os mandantes ficaram por apurar. Na sequência deste atentado, muita publicidade e movimentos de solidariedade surgiram como forma de apoio e divulgação da instituição⁴⁵.

A remodelação do espaço dá-se nos anos de 1980, a partir do projeto do arquiteto Alcino Soutinho⁴⁶ que reserva o piso ao nível da rua para a receção, salas de exposições temporárias, loja e serviços administrativos. No piso superior encontram-se os espaços da direção e uma Sala de Convívio. Nos pisos inferiores, na zona das traseiras, situa-se um pequeno auditório e distribuem-se os espaços das oficinas, laboratórios e arrumos.

A FONTE DAS VIRTUDES

O Manancial das Virtudes começa a ser explorado em 1619 com a construção da Fonte do Rio Frio (mais tarde denominada «das Virtudes»)⁴⁷. A edificação da fonte, iniciada em 1617 e terminada a 1619, terá sido acompanhada pela abertura da alameda que lhe dá acesso. Entre os anos de 1786 e 1787 é construído o paredão das Virtudes que confere a este espaço um carácter monumental. A Fonte das Virtudes e a zona envolvente tornam-se num novo espaço de lazer da cidade «juntamente com a área envolvente da Fonte da Natividade»⁴⁸. O risco da fonte é atribuído, segundo Manuel Pereira de Novais, a Pantaleão de Seabra e Sousa que terá sido, por diversas vezes, vereador da Câmara do Porto (em 1604, 1608, 1617 e 1621), «passado a ser

⁴⁰ *A árvore das virtudes*, 2001: 34.

⁴¹ *Ibidem*: 37.

⁴² S.A., 1976: 1.

⁴³ *Ibidem*: 7.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *A árvore das virtudes*, 2001: 39.

⁴⁶ SERENO & GUIMARÃES, 2011.

⁴⁷ TEIXEIRA, 2011: 59.

⁴⁸ FERREIRA-ALVES, 1997: 55.

considerado então como arquiteto amador no século XVII, traçando outras edificações na cidade do Porto»⁴⁹. O mesmo autor faz ainda menção aos mestres pedreiros que aqui trabalharam: António de Sousa, Pantaleão Pereira, Gonçalo Vaz⁵⁰.

Segundo Agostinho Rebêlo da Costa, na *Discrição Topográfica e Histórica da Cidade do Pôrto* (1788), a Fonte das Virtudes:

(...) compõe-se de um alto frontispício e adornado de antigas pirâmides e firmado em bancos de pedras que o rodeiam. A água, que dela sai por duas carrancas gigantescas lavradas na mesma pedra, enche, em menos de um minuto, o maior cântaro. Ao seu lado estão dois tanques em que diariamente lavam de vinte a trinta lavadeiras (...). Esta fonte deu nome à Porta da Cidade, chamada das Virtudes e assim mesmo aos Assentos que ficam ao seu lado⁵¹.

A origem do nome é também mencionada por Baltasar Guedes quando, a 25 de Junho de 1806, afirma que «nos tempos antigos estava juncto a esta fonte, que então hera bem limitada (digo no concerto) huma relíquia do Protomartire Santo Estevão, com que esta fonte hera miraculoza e sua ago tinha virtude»⁵².

Tal como Ferreira-Alves sugere, a arquitetura da água adquire uma grande importância na cidade pela sua função primordial: condução e distribuição das águas à população⁵³. Por outro lado, estas estruturas assumem sistematicamente uma função estética, o que confere grande qualidade ao espaço onde estão situadas, podendo, até mesmo, adquirir um estatuto de obra de arte pela qualidade dos seus elementos. Como tal, a Fonte das Virtudes, apesar de atualmente exigir uma intervenção de requalificação, é um dos melhores exemplares entre as fontes públicas que a cidade mandou edificar, reconhecida e classificada como Monumento Nacional em 1910⁵⁴.

Sob o ponto de vista da organização formal, esta arquitetura da água apresenta um grande espaldar que pode ser dividido verticalmente em 3 panos de muro, sendo que a maior carga decorativa se concentra ao centro. Neste pano de muro central está colocado um plinto que segura duas pilastras que, por sua vez, enquadram a decoração central, a partir da qual, numa zona inferior, saem duas carrancas que jorram água para o tanque (que atualmente se encontra praticamente enterrado). Estas carrancas com forma de «cabeça de bestas», segundo Ferreira-Alves, caracterizadas por um gosto exótico e uma linguagem decorativa dita maneirista, terão sido inspiradas em tratados do século XVI, como, por exemplo, os de Wendel Dietterlin e de Hans Vredeman de Vries⁵⁵. Com efeito, parte da linguagem formal aqui patente remete para uma tradição flamenga, visível nos *rollwerk* da cartela central e nas aletas do espaldar. A rematar o corpo central eleva-se um frontão curvo interrompido onde, outrora, terá existido uma coroa a encimar as armas reais, que subsistem no tímpano.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ COSTA, 1788: 60-62.

⁵² *Ibidem*: 211.

⁵³ FERREIRA-ALVES 1997: 55.

⁵⁴ Decreto-Lei nº136, 23 de junho de 1910: 2166.

⁵⁵ FERREIRA-ALVES 1997: 55-56.

No registo superior conservam-se dois castelos em alto-relevo a ladear um nicho que, em tempos, terá recebido uma imagem da Nossa Senhora, também conhecida por *Senhora das Virtudes* (hoje desaparecida) que, no seu conjunto, representavam as armas da cidade do Porto⁵⁶. No plano inferior haveria uma lâmina em mármore vermelho, entretanto desaparecida, «enquadrada por um caixilho com ferragens e figuras helicoidais», seguindo o mesmo gosto decorativo maneirista⁵⁷. Segundo Agostinho Rebêlo da Costa, esta lâmina reproduziria a seguinte inscrição em latim:

FONS SCATET ILLUSTRIT VIRTUTUM NOMINE DICTUS : QUI SITIT, HAS LYMPHAS ABSQUE TIMORE BIBAT, ANTE CAVERNOSO DE PUMICE DEGENER IBAT : OBSTABANT PIGRA LIMUS ET UMBRA MORA. PUBLICA CONSPICUAS EXPENSA DUXIT IN AURAS, UTQUE LOCO FLUERET COMMODIORE DEDIT. INDE VIAM STRAVIT, DEJECITQUE ORDINE SEDES, GRATIA TAM GRATIS MAIOR UT ESSET AQUIS⁵⁸

Numa leitura horizontal, os dois corpos laterais apresentam uma composição mais austera. De risco simétrico, desenham, em meio relevo, uma pirâmide rematada por esferas ligada por uma aleta às pilastras centrais. Na zona superior da cornija ainda subsistem vestígios decorativos, que seriam duas das esferas referidas pelo pároco de Miragaia, em 1758⁵⁹.

A nascente das Virtudes é considerada imprópria para consumo por Tito de Bourbon e Noronha, a 3 de novembro de 1884, na sua Dissertação Inaugural que apresenta à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde refere:

*Muita architectura, muita inscripção latina e muita impureza. A agua é procurada em uma mina que se dirige para o jardim de horticultura de Marques Loureiro [...]. A agua é má, salobra, desagradavel e impropria para a alimentação, e só tem de virtude ser a peor de todas*⁶⁰.

A RUA DOS FOGUETEIROS

Segundo Horácio Marçal, a designação antiga de rua dos Fogueteiros, atual rua de Azevedo de Albuquerque, é justificada pela existência de vários artificies de pirotecnia no local⁶¹. Na planta da cidade do Porto desenhada por W.B. Clarke (Society for the Diffusion of Useful Knowledge, 1833) a rua dos Fogueteiros não aparece legendada. Contudo, identifica-se a rua das Carrancas que desemboca na rua da Bandeirinha que, por sua vez, se relaciona com a rua dos Fogueteiros. Segundo Marçal, a “Calçada das Carrancas” teria sido integrada pela rua dos Fogueteiros e desaparece definitivamente com a construção do paredão dos Fogueteiros, que veio dar continuidade à rua da Restauração⁶². Efetivamente, no Mapa de Teles Ferreira de 1892 a rua das

⁵⁶ SERENO, LEÃO & NOÉ, 2011.

⁵⁷ FERREIRA-ALVES 1997: 56.

⁵⁸ Segundo tradução de Fausto Sanches Martins: «Fonte com o nome honroso das virtudes brota com abundância: Quem tiver sede, beba sem temor desta água. Até há bem pouco tempo, a água nascia entre as pedras: O barro e as silvas impediam o acesso. O empenho público colocou as águas ao alcance de todos. Possibilitou que corressesem por melhor caminho. Depois aplanou o caminho, e colocou ordenadamente assentos. Para que as águas agradecidas pudessem correr livremente» (COSTA, 1788: 60-62).

⁵⁹ FERREIRA-ALVES, 1997: 56.

⁶⁰ NORONHA, 1885: 30.

⁶¹ MARÇAL, 1961: 169-173.

⁶² *Ibidem*.

Carrancas já não aparece identificada⁶³. Do lado direito da rua dos Fogueteiros, junto ao paredão, está assinalado um caminho estreito com escadas que sugere acesso ao *Campo dos Martyres da Pátria*⁶⁴.

Constata-se que no paredão permanecem ainda três grandes arcos. Segundo Marçal, o arco central possuía uma fonte dita «dos Fogueteiros», cuja água, que caía num espaçoso tanque construído em 1843⁶⁵, provinha de «dentro da cerca — vulgo Malvas — do Hosp.al real da Cordoaria», tal como é referido no *Mapa das Fontes Públicas*, datado de 1835⁶⁶. A água desta fonte, já existente antes de 1820, foi encanada por baixo do arco depois de erguido o paredão, seguindo as suas vertentes para a Quinta das Virtudes.

No decorrer da nossa investigação, foi possível traçar uma linha narrativa da história da Quinta das Virtudes, da família que a habitou e dos seus usos ao longo dos séculos. Não obstante, foram muitos os aspetos que permaneceram incertos.

Deparamo-nos, nesse sentido, com limitações ao nível das fontes, nomeadamente na ausência de documentação que ateste os dados comumente aceites, assim como de registos de documentação relativos à construção da Casa. Constatámos, portanto, que as reflexões existentes sobre a Quinta das Virtudes e a sua envolvente afirmam-se como pontos de partida pelas informações que referem: não só pelas questões que levantam, mas também pelas lacunas que expõem. Contudo, a falta de critérios científicos de pesquisa e de interpretação desses textos provou necessária a sua comparação e análise com fontes documentais várias, de entre as quais mapas, licenças de obras e testamentos. Do mesmo modo, e partindo de uma pista sugerida em mapa, pudemos comprovar a existência do *Auto de Património da Capela* no Arquivo da Diocese do Porto, fundamental para o balizamento concreto da edificação da capela.

Assim sendo, o presente artigo sugere um novo olhar sobre a Quinta das Virtudes, pretendendo ser uma referência para novos percursos de investigação.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- A árvore das Virtudes. 38 anos com a cidade* (2001). Porto: Edição Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas, C.R.L.
- AFONSO, Daniel Borges Braz (2012) – *A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ALVES, Patrícia Alexandra Lopes (2011) – *A construção e reconstrução da Memória da Casa da Roda do Porto – o Arquivo (1689-1838)*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Relatório de estágio Dissertação de Mestrado.
- ANDRESEN, Teresa & PORTELA, Teres Marques (2001) – *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições INAPA, S.A.

⁶³ FERREIRA, 1892: quadrícula 236.

⁶⁴ *Ibidem*: quadrícula 237.

⁶⁵ MARÇAL, 1961: 169-173.

⁶⁶ TEIXEIRA, 2011: 218.

- ARAÚJO, Ilídio (1979, novembro) – Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto, *Revista de História: Actas do Colóquio «O Porto na Época Moderna»*, volume II. Porto: Instituto de Investigação Científica.
- Arquivo Episcopal do Porto (1767) – *Auto de Património de Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José*. [DOC PT/AED/DP/CUR-SGC/001/0496].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1840, 20 de julho) – *Licença obra nº31/1840* [A. H. M. P. – D-CMP/7(4) - f. 153].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1869) – *Planta dos terrenos necessários para a edificação do novo mercado do peixe e seus acessórios, junto do passeio público da Cordoaria, para alargamento da Rua dos Fogueteiros* [A. H. M. P. – D-CDT/A3-666].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1912, 23 de janeiro) – *Registo do testamento com que faleceu Joaquim de Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque, lente jubilado da Academia Politécnica*. Porto, Administração do Bairro Oriental. [A. H. M. P. – A-PUB/5384-f.38v-42].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1940, 16 de novembro) – *Registo do testamento com que faleceu Helena Estanislada de Azevedo, dona de casa*. Porto, Administração do Bairro Oriental. [A. H. M. P. – A-PUB/5237-f.177-179v].
- CARNEIRO, Manuel Almeida (2016) – *"Si bene aedificaveris, bene habitaveris": entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII-XIX)*. Lisboa: Universidade Aberta. Tese de Doutoramento.
- COSTA, Agostinho Rebêlo (1788) – *Discrição Topográfica e Histórica da Cidade do Pôrto*. 2ª edição. Porto: Edição paga por Manuel Pereira e Casa dos Moradores de Livros.
- DECRETO-LEI nº136 de 23 de junho de 1910. *Diário do Governo*, n.º 136 (p. 2166).
- FAUVRELLE, Natália (2001) – *Quintas do Douro. As Architecturas do Vinho do Porto*. Santa Maria da Feira: GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto. ISBN: 972-96896-7-9
- FERREIRA, Augusto Gerardo Teles (1892) – *Planta topográfica da cidade do Porto, á escala 1:500, levantada sob direção de Augusto Gerardo Teles Ferreira* [quadricula 237]. [Arquivo Histórico Municipal do Porto – D-CFT/A4-51(237)].
- FERREIRA, Augusto Gerardo Teles (1892) – *Planta topográfica da cidade do Porto, á escala 1:500, levantada sob direção de Augusto Gerardo Teles Ferreira* [quadricula 236]. [Arquivo Histórico Municipal do Porto – D-CFT/A4-51(236)].
- FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. (1997) – *A Architectura da Água: Chafarizes e Fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.
- GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimental Azevedo (2004) – *Construções de elite no Porto (1805-1906)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- MALDONADO, Theodoro de Souza (1789) – *Mapa das Obras Públicas, que estiveram em accção neste presente anno de 1789 feitos por Theodoro de Sousa Maldonado formado em Matemática e Architecto desta Cidade do Porto*. [Arquivo Histórico Municipal do Porto – D-TGa/1].
- MARÇAL, Horácio (1954, março) – O Largo dos Lóios. Sua origem e formação. *O Tripeiro*. Série V, ano IX, nº3, p. 245.
- MARÇAL, Horácio (1961, fevereiro) – A Rua dos Fogueteiros, *O Tripeiro*. Porto. Série VI, ano I, nº2, pp. 169-173.
- MONCÓVIO, Susana Maria Simões (2009) – *Prenda ou Arte? A participação feminina nas Exposições Trienais da Academia Portuense de Belas Artes (1842-1887)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- NORONHA, Tito de Bourbon e (1885) – *As Aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental. Dissertação Inaugural Apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Porto.
- PEREIRA, Ana Cristina (2007) – *Os Conventos do Porto: Descontinuidades, transformação e reutilização*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- Periódico dos Pobres no Porto* (1851, 9 de agosto). Série III, ano XVIII, nº 186.

- PINTO, Maria Helena Mendes (1973) – *José Francisco de Paiva. Ensamblador e Arquiteto do Porto (1744 -1824)*. Lisboa, MNAA.
- S.A. (1976, 8 de janeiro) – Bomba de grande potência colocada na Cooperativa Árvore causa centos de contos de prejuízo. *O Primeiro de Janeiro*.
- S.A. (1958, outubro). Efemérides Portuenses. *O Tripeiro*. Série V, ano XIV, nº 6.
- SILVA, António Lambert Pereira de (1969, janeiro) – Uma casa (da Quinta das Virtudes), *O Tripeiro*. Porto. Série VI, ano IX, nº1, pp. 55ss.
- Society for the Diffusion of Useful Knowledge (1833, 1 de janeiro) – *Reprodução de planta da cidade do Porto, ilustrada com vista sobre o Rio Douro a partir da Torre da Marca*. Gravada por J. Henshall e desenhada pelo Arqº. W. B. Clarke. Strand, Chapman & Hall Publishers [A.H.M.P. – D-CDT/B3-46].
- TEIXEIRA, Diogo Emanuel Pacheco (2011) – *O Abastecimento de Água na cidade do Porto nos séculos XVII e XVIII. Aquedutos, Fontes e Chafarizes*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- TEIXEIRA, Sandra Cristina Martins (2012) – *Espaços Públicos, Processos de Desenvolvimento Urbano e Períodos Morfológicos da Cidade do Porto*. Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

Referências em linha

- ÁRVORE, Cooperativa de Actividades Artísticas (s.d) – *Quem somos*. Disponível em <<http://www.arvorecoop.pt/sobre>>. [Consulta realizada a 01/10/2016].
- SERENO, Isabel & GUIMARÃES, Maria (2011, 27 de julho) – *Casa das Virtudes/ Casa dos Pintos de Meireles/ Casa dos Albuquerque / Edifício da Cooperativa Árvore* [registo de inventário de Património Arquitetónico em linha]. SIPA/Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14111>. [Consulta realizada a 01/10/2016].
- SERENO, Isabel; LEÃO, Miguel & NOÉ, Paula (2011, 27 de julho) – *Fonte do Rio Frio / Fonte das Virtudes* [registo de inventário de Património Arquitetónico em linha]. SIPA/Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5546>. [Consulta realizada a 01/10/2016].

GONÇALVES, Ana Patrícia; DIOGO, Andréa; DUARTE, Joana & SANTOS, Marisa (2017) – *As Virtudes: a Quinta, a Fonte e a Rua dos Fogueteiros. Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto , pp. 13-24.